

/CULTURA /

# O REMÉDIO E O VENENO

PROFESSOR DE TEORIA DA LITERATURA, EDUARDO GUERREIRO B. LOSSO USA A TESE DO FUTEBOL COMO PARADIGMA DA GUERRA PARA FALAR QUE O 'SOLDADO' BRUNO DESVIRTUOU SEU PAPEL E SE TRANSFORMOU NUM 'BÁRBARO' INIMIGO DA SOCIEDADE

EDUARDO GUERREIRO B. LOSSO >>> ESPECIAL PARA O POVO

Por ser um fenômeno que congrega de modo lúdico pulsões agressivas de massa, o futebol é ambíguo. Não se sabe ao certo em que medida ele desloca e escoia a violência ou a estimula. José Miguel Wisnik, em seu admirável livro sobre o assunto, flagra sua dupla natureza de ser ao mesmo tempo veneno e remédio. Garrincha e Pelé são paradigmas do ímpeto espontâneo e criativo do brasileiro. Pelé, segundo Wisnik, seria a justificativa da atitude

afirmativa diante das qualidades brasileiras, contraposta à atitude pessimista, ainda que tão vitoriosa quanto, de Machado de Assis.

Em tempos de insegurança generalizada, Bruno é agora o paradigma do veneno da violência. O que já se evidenciava no âmbito das torcidas organizadas agora vem direto do palco da vida privada da estrela. Para refletir sobre o caso, vou levar a um terreno ainda não explorado a tese de que o futebol é um substituto da guerra.

Se a massa, na falta de rituais sacrílegos e guerras mun-

diais, precisa do futebol como sua simulação civilizada, então os jogadores são soldados. A prova é como em todas as entrevistas repetem-se a mesma postura modesta, espírito coletivo, promessa de melhora e, principalmente, prontidão para o próximo combate. Se o jogador é a secularização do soldado, o soldado é a secularização do herói mítico. O atacante, na vanguarda do campo, faz gols, solta "bombas". O goleiro é, por conseguinte, a defesa anti-aérea. Ele protege nosso ponto fraco, nosso calcanhar de Aquiles, nossa região mais frágil. O goleiro é o guardião do gol assim como a elite ar-

**A violência do futebol que já se evidenciava no âmbito das torcidas organizadas, agora vem direto do palco da vida privada da estrela**

mada é guardião da praça central da capital. Francisco Bosco afirma, ao escrever sobre Bruno, que a lei, no Brasil, "é nosso ponto cego". Bruno, que se sente acima da lei, tinha como função defender o ponto cego do gol, resguardar o "gol" para que outros jogadores façam do "gol" um remédio vitorioso e não fazer o "gol" contra venenoso, como foi o mais ou menos o que aconteceu com Júlio César em Brasil X Holanda. O duplo sentido da palavra "gol", portanto, retém a ambiguidade do veneno/remédio e

a desloca para a figura do goleiro. No imaginário brasileiro, o goleiro deve ser como o bombeiro: prestativo, simpático, amigo e impecavelmente exemplar. Sua função é salvar vidas, salvar da derrota, salvar da morte.

Contudo, assim como a censura da ditadura foi substituída pelo imperativo midiático de chocar cada vez mais com os horrores da realidade, o guardião da segurança deve se transformar no carrasco egoísta. Bruno só defende seus próprios interesses, cometendo a falta mais grave: o soldado revelou-se um bárbaro. O remédio virou veneno.

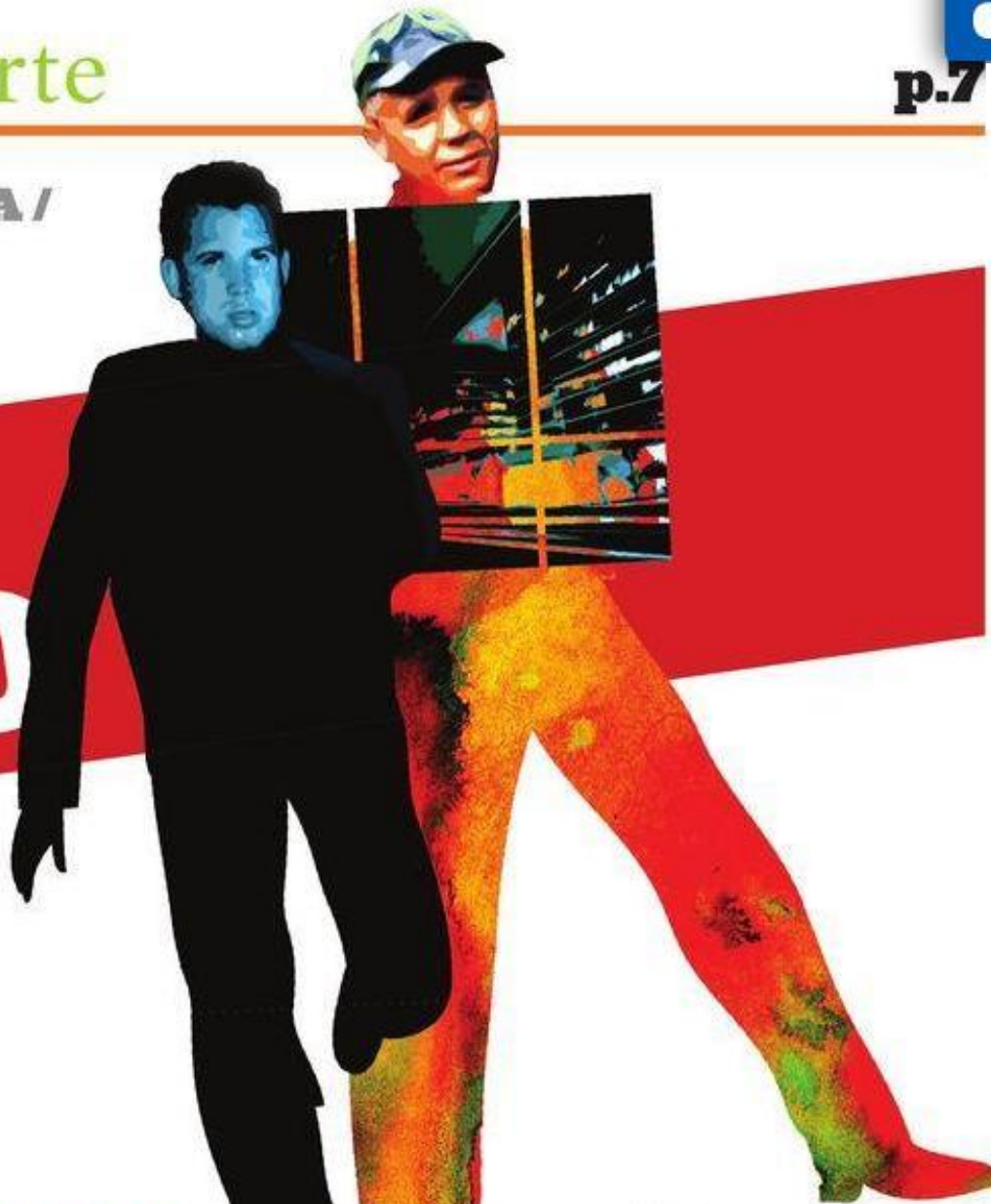
Mas será que o imaginário do jogador bom moço já não estava há muito perdido?

Será que o povo é tão ingênuo assim? Creio que não. Porém hoje o veneno da mídia não consiste só em alimentar a ilusão do bem, nem só espetacularizar a subsequente devastação do mal, porém, antes de mais nada, em alimentar a própria decepção incessantemente renovada e repetida da ilusão. O problema é que a decepção incessante com a ilusão continua ilusória, só que agora tornou-se um pesadelo sem saída, sem proteção, sem guardião que dela nos resguarde.

Mas eu insisto: o pesadelo também é uma ilusão. Em vez de pôr holofotes em assassinos que viram estrelas e estrelas que viram assassinos, falta deixar aparecer o trabalho de quem está de fato fazendo algo de construtivo.

Os torcedores não fazem ideia de quanta gente anônima está dando duro, levando bomba, por um mundo melhor.

> Eduardo Guerreiro B. Lossó é professor adjunto de teoria da literatura



Deus  
**DEUS** Família

Antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.  
Efésios 4:15

